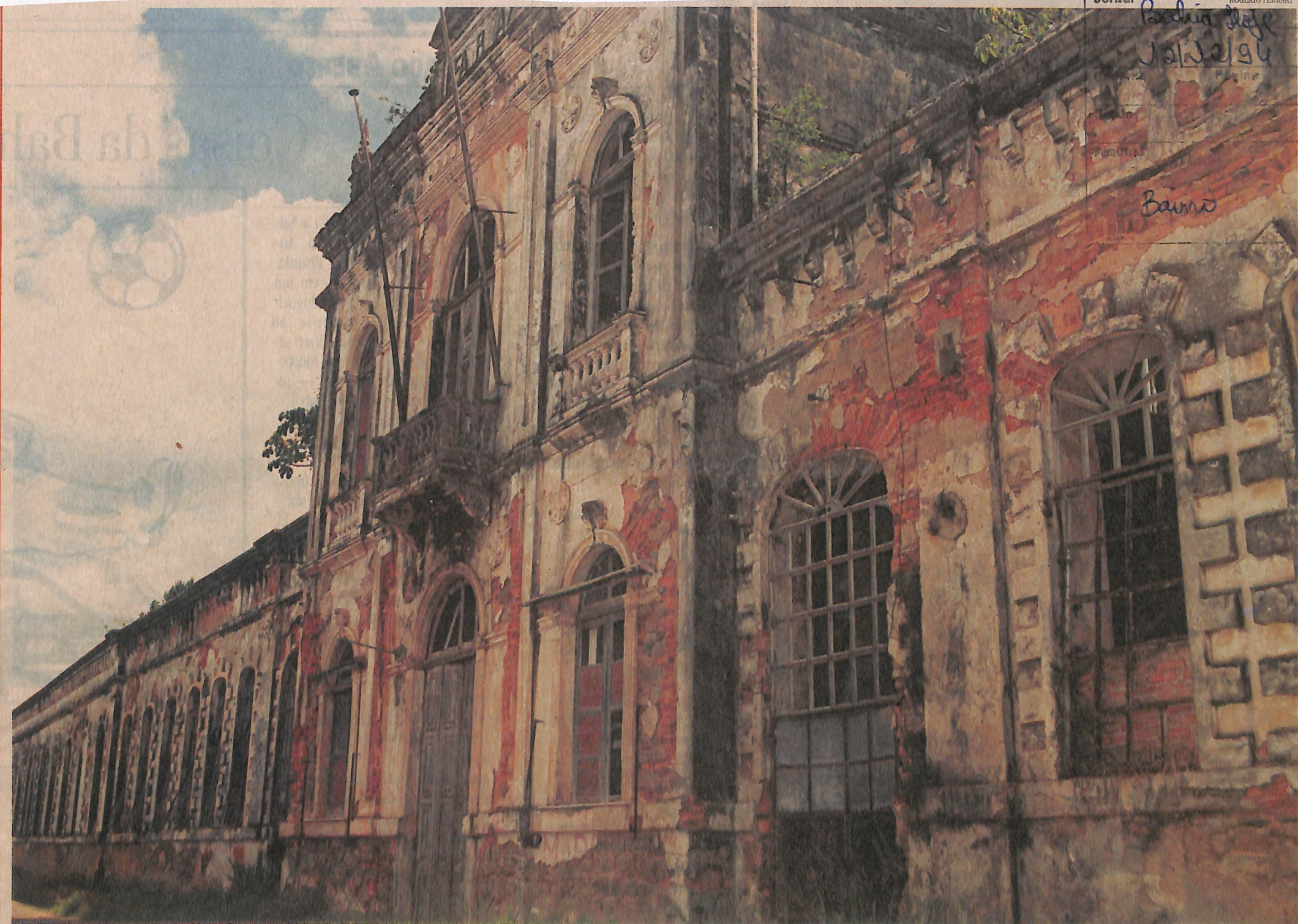


PLATAFORMA

PMS	FMLI	MLN
BIBLIOTECA		
Jornal		
Bahia Hoje		
Data		
12/12/94		
Caderno		Página
1		
Seção		
Assunto		
Bairro		



Jornal
Bahia Hoje
12/12/94
Página
Assunto
Bairro

ROGÉRIO FERRARI

Aqui começou Plataforma

CRISTAL FERRAZ

A fachada da velha fábrica de tecidos São Braz, junto ao terminal Marítimo de Plataforma desafia os poucos visitantes do lugar a desvendar o passado. Os mastros onde outrora as bandeiras do Brasil e da Bahia tremulavam resistem ao tempo, assim como a torre do prédio principal. São



Pais, filhos e até netos. Existiam verdadeiras famílias dentre os mais de 1000 operários que integravam a velha São Braz.

quase 10 mil metros quadrados de área coberta, revestidos por edificações em estilo inglês, como, aliás, eram quase todas as fábricas de tecido no início do século.

Há boatos que desde o piso até o telhado da velha fábrica vieram da Europa em navios que trouxeram também os engenheiros e arquitetos ingleses encarregados da montagem. A verdade é que nem a família Martins Catharino nem alguns historiadores e arquitetos sabem ao certo a data de construção e tampouco como foi esse processo.

Uma placa no interior da velha São Bráz que mais tarde mudou de nome para Fat Braz, revela, porém, que a primeira reforma da fábrica aconteceu em 1908. Desde o início do funcionamento a São Braz passou a ser tudo para os habitantes de Plataforma que até então dedicavam-se à pescaria e mariscaria. O bairro cresceu a partir da fábrica, especialmente o comércio local, com os armazéns e praças. Difícil encontrar em Plataforma quem não trabalhou ou tem pelo um parente na família que se dedicou à fábrica.

“Significava muito pra nós apesar de não sabermos naquela época que éramos explorados”, conta Eulina Freitas, diretora da Associação dos Moradores de Plataforma (Ampla). Lina, como é conhecida no bairro, começou a trabalhar na São Braz aos 12 anos de idade. Hoje, aos 50, já perdeu a conta de quanto tempo ficou naquela e outras fábricas de tecido do

mesmo grupo. “Quando eu entrei já estavam assinando carteira, mas antes nem isso”, diz, lembrando-se da mãe, com amis de 80 anos hoje e que também entrou na São Braz aos 12 anos para trabalhar. “Era comum menores trabalhando ali”.

POUCO DINHEIRO

Eram pais, filhos e até netos dentre os mais de 1000 operários da São Braz. A maioria vivia em casas construídas pela própria fábrica, que cobrava aluguel mensal, já descontado nos salários. Isso também acontecia com as compras no armazém, também de propriedade da Fábrica e mais tarde a cooperativa instalada pela indústria onde os operários faziam o mercado. “É certo que a gente acabava levando bem pouco dinheiro pra casa, mas era um tempo em que se tinha paz no bairro”, recorda Eulina.

“O fechamento da fábrica representou um grande impacto para Plataforma, principalmente para os comerciantes”, reconhece Paulo Barreto, gerente Comercial da Fagip, fábrica especializada na produção de gaze, compressas medicinais e telas industriais e que controla a única unidade em funcionamento na Fat Braz em Plataforma. São apenas 40 operários no espaço de 1/3 de toda a antiga fábrica. Dedicam-se exclusivamente à produção de 15 toneladas/mês de fios de algodão utilizados na fabricação de ataduras de crepe.

“Fechar a São Braz foi uma decisão histórica da antiga Companhia Progresso”, diz Eduardo Catharino Gordilho, diretor superintendente da Fagip e integrante da quarta geração da família do comendador Martins Catharino que comprou a fábrica de Plataforma do in-



A falta de investimentos necessários para a modernização da fábrica fez com que ela se tornasse obsoleta.

dustrial João Almeida Brandão. “Aconteceu que não foram feitos investimentos para modernizar a fábrica e ela acabou obsoleta”, explica Eduardo Gordilho. “Mas todos que saíram foram devidamente indenizados”, apressa-se a completar o herdeiro da São Braz.

Prédio vai virar marina

Quando o tecido fechado xadrez era uma moda forte em toda a região Nordeste, garantia a produção da Fábrica São Braz (depois Fat Braz), em Plataforma. Eram xadrezes pequenos, bem ao gosto popular e os tecidos mais baratos, vendidos especialmente para as Casas Pernambucanas, conforme relembra Paulo Barreto, gerente comercial da Fagip. Com a diversificação na produção de tecido e as limitações de maquinários para fazer outros tipos que não o xadrez, não foi mais possível manter a produção.



Hoje, o que poderia ser um belo monumento arquitetônico, de interesse turístico está entregue ao abandono.

Há quem diga, porém, que quando o comendador Martins Catharino comprou a fábrica São Braz ela já não era lá um grande negócio. “Também o comendador não era um industrial, era mais um negociador de dinheiro e comprava o que dava lucro na época, os negócios mais baratos”, revelou uma fonte histórica que prefere não se identificar.

Um dos prédios da fábrica abandonada, o que fica mais próximo da praia, foi vendido recentemente pela Fagip para um comprador particular. No local será construída uma marina. Alguns moradores vêm a idéia com alívio. Uma possibilidade de levar segurança para a comunidade que vive mais próxima ao mar e ao terminal que liga Plataforma à Ribeira, por lanchas.

O local está também abandonado, transformando uma das belas vistas da baía em programa arriscado para os turistas que bem poderiam ter acesso ao monumento arquitetônico que é a velha fábrica fechada.